



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 79

## O progresso chegou

**Branca Vianna:** Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. Essa semana, o carro do progresso tá passando na sua rua. A gente tem duas histórias sobre inovação, tecnologia, modernidade, chegando a mil por hora – e muitas vezes, sem freio. E quem trouxe a primeira história pra gente foi o Caio Santos.

---

### E A LUZ SE FEZ

**Caio Santos:** Eu sou de Recife, sou nascido e criado por aqui. E eu já visitei alguns cantos do Brasil. Mas nenhum deles era minimamente parecido com Mumbuca.

**Núbia Matos:** Então, nós estamos localizados na região do Jalapão, no estado do Tocantins, no município de Mateiros, que faz divisa com o estado do Piauí, Bahia e Maranhão. Nós estamos bem no meinho do coração do Brasil.

**Caio Santos:** Eu nunca fui pra lá – pelo menos não ainda. Mas eu conheci Mumbuca pelos sons. E a dona dessa voz que cê acabou de ouvir foi a minha guia.

**Núbia Matos:** Sou Núbia Matos, mulher mumbucana, estudante de jornalismo e artesã.

**Caio Santos:** Meu encontro com Núbia aconteceu num programa de capacitação pra jovens criadores de podcast. Eu tava fazendo o meu projeto, Raízes, e ela tava fazendo o projeto dela, o Viver Mumbucar. Quando o programa de capacitação acabou, eu me juntei com ela pra produzir o Viver Mumbucar. Fiquei responsável por editar o podcast, e por alguns meses eu mergulhei nos relatos e nos sons que Núbia gravou do dia a dia de Mumbuca. Mais de 1.500 km separam Mumbuca de Recife. Mas, por meio da internet, eu me senti menos distante de lá. Foram os avanços tecnológicos que conectaram Mumbuca com o mundo externo. Que permitiram que Núbia acessasse o lado de fora e vice-versa. E é estranho pensar que foi por causa desses avanços que Mumbuca quase acabou. Mumbuca é, desde 2006, reconhecida como território quilombola – mas mesmo essa denominação, "quilombo", era estranha pra quem vivia lá até pouco tempo. Os registros são escassos, mas eu encontrei, em algumas referências, que a comunidade teria sido fundada por descendentes de africanos vindos da Bahia no começo do século XX.

**Núbia Matos:** Data mesmo, assim a gente não sabe, porque a nossa forma, a nossa cosmologia, de fato não é voltada para... No formato externo que nós temos hoje, que através de documentação. No início, as pessoas vieram, não aceitando a condição de escravo, da Bahia, Corrente, no Piauí... e vieram pro Mumbuca. E teve o encontro dos indígenas com os africanos. Aí nós surgimos da miscigenação. E aí nós, o pessoa, construiu ali a forma de existir, o formato de existir, que eu considero único do Jalapão.

**Caio Santos:** Os mumbucanos têm uma ligação muito forte com o cerrado. Desde o uso do capim dourado no artesanato, e o pequi na comida, até a maneira de pensar o mundo. Até meados dos anos 90, a comunidade não tinha muito contato com o mundo externo. A ideia do quilombo era se proteger. Desde sua origem foi assim. O máximo de relações que eles mantinham com outras comunidades era quando alguém de Mumbuca ia visitar Mateiros, que é a cidade mais próxima do quilombo.

**Núbia Matos:** Então essas pessoas estavam ali, sempre se fortalecendo. E dali ele construiu sua forma de existir.

**Caio Santos:** Mas quando Núbia nasceu, em 2000, Mumbuca já tinha mudado bastante. Ela é parte de uma geração que já nasceu no meio dessa dança entre mundo externo e mundo do quilombo. Uma dança de passos complexos: hora descompassada, hora mais harmônica. Ela foi conversar com alguém que já tava lá antes dela, pra ajudar a contar essa história.

**Ana Mumbuca:** Olá, eu sou Ana Mumbuca. Eu sou quilombola. Eu sou assistente social de formação, tenho mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e comunidades tradicionais.

**Caio Santos:** Ana Cláudia Matos da Silva.

**Ana Mumbuca:** Mas eu gosto de ser chamada de Ana Mumbuca, que Mumbuca é o nome do meu povo e o nome do meu lugar. E eu sou porque esse lugar existe.

**Caio Santos:** Ana é 14 anos mais velha que Núbia. Ela passou a infância e o começo da adolescência nos anos 90, numa relação mais distante com o lado de fora do quilombo. Nesse período da vida de Ana, cada um dos mundos dançava no seu quadrado. Cada um com seus passos, suas regras e seu ritmo. Até que perto da virada do milênio, aconteceu uma coisa que ia bagunçar essa pista de dança. Tudo começou por causa de um rali.

O Rally dos Sertões é uma competição que acontece no Brasil desde 93. Se você, assim como eu, era uma criança dos anos 90 apaixonada por esportes, talvez você lembre da imagem daqueles jipes imensos atravessando praias, dunas e os sertões do Brasil. Eu lembro de ver isso no Esporte Espetacular, aquele programa de domingo da Globo. O Rally dos Sertões de 1998 tinha São Paulo como ponto de largada e Natal como ponto de chegada. E nesse percurso, pela primeira vez, os pilotos iam cruzar o Tocantins. Já tinha passado da virada do ano – ou seja, já era 1999 – quando os carros chegaram em Mumbuca.

**Ana Mumbuca:** Muitos carros, muitos carros diferentes que a gente nunca tinha visto. E esses carros tinham entrado na comunidade.

**Caio Santos:** Primeiro, foram os carros. Depois, vieram as câmeras e os microfones.

**Ana Mumbuca:** Depois de algum tempo que esses carros passaram na comunidade, a gente recebeu uma equipe do Fantástico e que a gente nem sabia o que era o programa, como que era.

**Caio Santos:** Ana nunca esqueceu do repórter gravando a chamada da matéria e fazendo trocadilho com o capim dourado.

**Ana Mumbuca:** "Já estamos aqui numa comunidade, um povo que não tem luz. Mas o que eles fazem com a mão reluz."

**Caio Santos:** "Um povo que não tem luz". Ele não tava falando isso só pra inventar uma rima. De fato, até aquele momento, não tinha energia elétrica na comunidade. Ana ouviu isso uma, duas, três vezes...

**Ana Mumbuca:** Era isso que... aí, como ele errava várias vezes, eu decorei. Aí fazia assim: "um, dois, três. Estamos aqui com o povo que não tem luz. Mas o que eles fazem reluz?"

**Caio Santos:** Depois que a equipe de reportagem foi embora, a vida em Mumbuca seguiu em frente. Só que alguma coisa tinha mudado do lado de fora.

**Ana Mumbuca:** E depois dessa reportagem, passou por algum tempo e como essa reportagem foi repercutida aqui fora, a gente não sabia que a gente tinha passado na televisão.

**Caio Santos:** Coincidência ou não, foi depois dessa reportagem que o então governador do Tocantins, Siqueira Campos, começou a colocar um novo plano em prática: a instalação de uma rede de energia em Mumbuca.

**Ana Mumbuca:** Foi aleatório essa decisão. Não existia uma consulta—"Vocês querem energia?", "Vai acontecer energia"— não houve essa mobilização.

**Caio Santos:** Não teve consulta à comunidade, não teve muito aviso nem muita explicação. E, nos meses seguintes, as obras começaram.

**Ana Mumbuca:** Eu só lembro de uns homens chegando, enfiando os grandes postes e falaram que o nosso Natal seria iluminado.

**Caio Santos:** De fato, quando chegou o Natal...

**Ana Mumbuca:** Levaram muito pisca-pisca, enfeitaram o espaço e foi uma alegria. A gente reuniu todo mundo junto... quando ligou a luz na casa da vó, eu lembro que parece que a noite virou dia, o dia virou noite, foi um revoada de sensações. Até as galinhas não conseguiam dormir. E nós ficamos encabulados debaixo das árvores e debaixo dos postes.

**Caio Santos:** Muita coisa tinha mudado. Não só a presença da luz em si, mas coisas que vinham junto com ela. Eles estranharam os insetinhos se aglomerando e voando em torno das lâmpadas, o simples toque num interruptor, que fazia o escuro virar claro. E o susto que a eletricidade dá na gente de vez em quando.

**Ana Mumbuca:** A gente foi para o quarto da vó e começamos ligar a luz, desligar e ligar. Ligar novamente. Tanto, tanto, tanto quando vê deu choque.

**Caio Santos:** Agora, as artesãs de capim dourado podiam trabalhar de noite.

**Ana Mumbuca:** Porque na candeia é ruim, não dá, o brilho do capim dourado reflete.

**Caio Santos:** As transformações na vida da comunidade foram registradas novamente pelo Fantástico. Só que, dessa vez, eles puderam se ver ali, na TV. Porque a companhia de energia elétrica do Tocantins tinha levado uma televisão pro quilombo.

**Ana Mumbuca:** Como que a gente estava lá e estava dentro da televisão ao mesmo tempo? A gente não conseguia compreender, pelo menos eu, de que aquela máquina, que aqueles homens estavam com ela, foi capaz de nos colocar dentro da televisão.

**Caio Santos:** Foram muitas experiências marcantes com a chegada da televisão. A primeira novela...

**Ana Mumbuca:** O engraçado que foi a novela chamada “O Cravo e a Rosa”. E essa novela tem um linguajar e os personagens voltado para o povo do campo, da roça, né, a linguagem.

**Caio Santos:** O primeiro “Boa noite”, do William Bonner.

**Ana Mumbuca:** O Jornal Nacional... todo mundo assistia junto. O William Bonner falava “Boa noite”, e todo mundo: “Boa noite”.

**Caio Santos:** O primeiro desejo despertado por uma propaganda.

**Ana Mumbuca:** Nunca tinha visto maçã, sabe? Pera, sanduíche... sanduíche, assim. Então, as coisas do mundo de fora iam entrando, e a gente ia babando, assim, querendo...

**Caio Santos:** Foi aí que os mais velhos introduziram, tipo, um limite de tempo de tela. Não podia ficar vendo TV toda hora.

**Ana Mumbuca:** Nós éramos do grupo do... daqueles que saltava o espaço porque a televisão ficou na escola, né, o espaço coletivo. E aí nós saltava a janela da escola para assistir de noite, assim, caladinho. O tio chegava, nós espalhava tudo pela janela correndo.

**Caio Santos:** Só tinha um programa que era liberado. Era quase obrigatório assistir. E apostado que cê não vai chutar qual era.

**Ana Mumbuca:** Os mais velhos faziam questão da gente assistir um programa chamado “Cidade Alerta”. Por quê? Eles queriam mostrar para nós que o mundo fora era perigoso. Era perigoso, entendeu? Eles faziam questão de deixar assistir – se fosse “Cidade Alerta”, assiste.

**Caio Santos:** A televisão abria uma janela pro mundo, pro bem e pro mal. Pros objetos de desejo e pras cenas que causavam medo.

**Ana Mumbuca:** Então, o sentimento foi de fazer parte de um grande mundo.

**Caio Santos:** Mas esse sentimento tava lado a lado com outro. Com o receio de que o contato com o mundo lá fora pudesse ameaçar o mundo lá dentro. Ameaçar o modo de vida do quilombo.

**Ana Mumbuca:** Porque há invasão... não é nem invasão. Há essa chegada de outros modos de vida.

**Caio Santos:** Núbia, aquela que me guiou por Mumbuca, tinha menos de um ano nessa época. Ela já cresceu entendendo que os avanços tecnológicos tinham efeitos colaterais.

**Núbia Matos:** Hoje a energia trouxe acesso à internet, trouxe acesso a isso e aquilo tal e outro, e, tipo assim, nós somos vistos pelos outros e os outros nos veem.

**Caio Santos:** É uma estrada de mão dupla. Eles tavam se vendo como parte de um grande mundo, e esse grande mundo agora tava vendo eles também. Ser visto pode significar uma porção de coisas. Por um lado, significava que, agora, eles podiam divulgar as belezas daquele lugar e compartilhar os pensamentos deles. Por outro lado, significava expor eles ao olhar – muitas vezes preconceituoso – de quem tá de fora.

**Núbia Matos:** Aí muitas vezes nos condicionam como os preguiçosos, os pobres, os miseráveis. "Olha a casa dele", "Eles são preguiçosos, não trabalham, não fazem isso". Então, isso é uma das.. que trouxe, né, na energia, que, para mim, é o mais dolorido. É lidar com a chegada desse sistema.

**Caio Santos:** Pra Núbia e pra comunidade do quilombo, a chegada da energia representou, também, a chegada de uma visão de mundo que tem ameaçado a existência de pessoas como eles desde o primeiro movimento de colonização no

território brasileiro. De certa forma, aqueles postes de luz e aquele Natal cheio de pisca-pisca escondiam um ponto de vista colonialista do mundo. De dominação de uma cultura sobre a outra, de um modo de viver e pensar sobre o outro. E, se tem uma coisa que ficou clara ao longo da história da humanidade, é que esse sistema de dominação é difícil de conter. A energia elétrica chegando em Mumbuca foi só o começo. Só a abertura da porteira.

**Ana Mumbuca:** Então, foi no ano de 2001. Logo, Mumbuca tinha recebido a energia. A gente foi surpreendido com uma equipe de um órgão chamado Naturatins.

**Caio Santos:** Primeiro, fez-se a luz. Depois, veio o parque.

**Caio Santos:** Isso do parque foi... foi o que exatamente?

**Núbia Matos:** É que o território onde o Mumbuca existiu e existe até hoje, ele foi designado para ser o Parque Estadual do Jalapão.

**Caio Santos:** O Parque Estadual do Jalapão. Da mesma maneira que a energia tinha chegado em Mumbuca meio no susto, sem muita explicação pros moradores, em 2001, essa postura do poder público se repetiu. Quando eles ouviram falar desse órgão, Naturatins – que é o Instituto Natureza do Tocantins –, e dos planos desse tal parque, ele já tava em vias de acontecer.

**Ana Mumbuca:** Fazendo uma audiência pública com a gente pra informar para a gente que foi criado um parque através da lei estadual e que nesse parque não vivia ninguém, não vivia seres humanos, só animais. E a gente teria o direito de ser tirado e realocado para um outro lugar que ele não sabia aonde seria.

**Caio Santos:** "Não vivia ninguém". Eles tavam dizendo que a comunidade não existia. E, ao mesmo tempo, tavam dizendo que ela precisava sair de lá. Parecia um ultimato. Mumbuca já tinha sido ameaçada de ser invadida antes, uns 50 anos atrás, por um fazendeiro. Mas ele não teve sucesso.



**Ana Mumbuca:** Agora foi um ataque muito mais forte que era o Estado, os carros brancos, a lei.

**Caio Santos:** Dessa vez não foram os jipes do Rally dos Sertões que sinalizavam uma mudança chegando. Eram os carros brancos, as caminhonetes do poder público, que tavam sempre rodando por lá enquanto o parque começava a ser criado.

**Núbia Matos:** O processo de chegada do parque foi muito, muito, muito violento. As crianças saíam correndo, assim, quando viam carro. Tanto que tem uma prima minha que tem pavor de caminhonete branca.

**Caio Santos:** Desses carros, saíam pessoas com ar de autoridade, falando uma língua que parecia até de outro país...

**Ana Mumbuca:** Outras línguas, literalmente, porque a gente ia para reunião e nós ficávamos assim— não entendíamos nada do que eles falavam, não entendíamos mesmo.

**Caio Santos:** No meio de uma reunião, um dos técnicos da Naturatins, aparentemente tocado com a mobilização da comunidade, falou que Mumbuca podia procurar seus direitos.

**Ana Mumbuca:** Eu falei: "Mas como procurar?" "Vocês podem ou pagar um advogado ou a defensoria." Nós não sabíamos nem o que era defensoria, defensoria pública, não sabíamos o que era defensoria pública. Nos deram a proposta de sermos indenizados, mas o que não queríamos era sermos retirados do nosso espaço. Muitas pessoas mais velhas falaram assim: "Nem se vocês nos matarem nos tiram daqui."

**Caio Santos:** Os forasteiros precisavam entender que era impossível separar o quilombo do território. Que não existe Jalapão sem Mumbuca. E nem o contrário.

**Núbia Matos:** Se aquele espaço— se hoje o Jalapão ele tem um cerrado preservado, se as águas que estavam ali estavam preservadas, aquelas

peessoas que já estavam habitando há muito tempo contribuíram para aquela preservação.

**Caio Santos:** Àquela altura, o Jalapão já era um dos maiores pontos turísticos do Tocantins. Muita gente passava por ali. E cada turista que pisava no quilombo ouvia que a comunidade tava correndo o risco de ser expulsa de lá. Aí essa denúncia foi gerando um boca a boca.

**Ana Mumbuca:** A gente recebeu um geógrafo da USP, de São Paulo, que veio especificamente estudar o Jalapão, a questão da sobreposição do Jalapão, porque ele ficou sabendo por um turista que estava acontecendo.

**Caio Santos:** Esse geógrafo chama Marcos Alcubierre. E o estudo dele foi o ponto de partida pra Mumbuca conhecer o artigo 68 da Constituição Federal.

*"ART. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos"*

Mumbuca, até esse ponto, ainda não era uma comunidade quilombola reconhecida pelo governo brasileiro. Eles entenderam que pra ter direito a viver no território, eles precisavam primeiro serem vistos pelo Estado.

**Ana Mumbuca:** Aí foi a partir de 2006 que a gente foi reconhecido pelo governo federal, que a gente passou a sentar e dizer: "De fato, agora, com esse documento, a gente não pode ser retirado daqui".

**Caio Santos:** Depois de 5 anos lutando pra não serem expulsos dali, o povo de Mumbuca finalmente podia respirar um pouco mais aliviado. E aí, em 2009, começaram a negociar um TAC.

**Ana Mumbuca:** Que é o Termo de Ajuste e Conduta entre a comunidade e o parque.

**Caio Santos:** Com o TAC, que foi concluído em 2022, Mumbuca passou a ser vista pelos gestores do parque não só como uma comunidade que vive naquelas terras, mas como colaborador na preservação do cerrado.

**Ana Mumbuca:** Isso é muito bonito, porque reconhece a gente, faz uma justiça ambiental. Porque se aquele espaço se tornou parque foi porque quem estava lá já cuidava, antes mesmo deles chegarem.

**Caio Santos:** Tudo isso seria um ótimo desfecho pra história centenária de Mumbuca e de seu povo. A harmonia entre o poder público e o quilombo. Mumbuca finalmente sendo reconhecida como parte fundamental da preservação do Jalapão. E, como consequência de todas aquelas transformações – desde a virada do milênio –, o turismo bombando e criando novas fontes de renda na região. A dança entre Mumbuca e o mundo externo tava quase parecendo uma valsa. Até que, 20 anos depois da chegada do parque e mais de 20 anos depois da chegada da luz, surgiu um novo descompasso. Uma nova ameaça, agora na forma de um Projeto de Lei. O PL número 05 de 2021. Mais uma vez, a comunidade de Mumbuca tava sendo surpreendida por uma mudança, sem sequer ser consultada sobre isso. Se já não era fácil brigar com os órgãos públicos pelos direitos de Mumbuca, com a entrada da iniciativa privada as coisas podiam ficar ainda mais complicadas.

**Núbia Matos:** A proposta era uma proposta sem pé e sem cabeça. Porque, primeiro, não considerou a existência daquelas pessoas ali, tanto das comunidades quilombolas quanto do município

**Caio Santos:** As comunidades quilombolas do Jalapão, então, resolveram se unir pra tentar reverter essa proposta. Eram vários povoados que nas últimas décadas já tinham passado a se organizar pra articular melhor seus interesses.

**Núbia Matos:** Aí a comunidade reivindicou, a comunidade se movimentou, fizeram campanha, vieram para frente do palácio, reivindicaram, e depois de muitas reivindicações teve-se essa parada.

**Caio Santos:** Essa "parada" é que, em paralelo com a luta pela revogação desse PL, tava rolando toda uma disputa política no Tocantins. O governador Mauro

Carlesse tava sofrendo um processo de impeachment, e aí ele acabou renunciando ao cargo.

**Ana Mumbuca:** Felizmente, o governador que está hoje como governador, na época ele assumiu como— ele era vice e assumiu como governador e cancelou o procedimento como ele estava acontecendo.

**Caio Santos:** O Wanderlei Barbosa assumiu o cargo, e o projeto foi mandado de volta pro estágio de discussão pública, com uma promessa de melhorar o diálogo com as comunidades. Mas Mumbuca se mantém de olhos abertos. Depois de tudo o que já aconteceu por lá, eles sabem que não podem descuidar.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu acho que foi uma conexão que o Caio fez...

**Caio Santos:** Essa é Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo. Ela tava acompanhando quando Núbia entrevistou Ana.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Caio, que está fazendo essa história com a gente, entre esse momento atual de Mumbuca de certa forma sitiado por essa possibilidade de mais mundo exterior chegando, e esse primeiro momento da luz chegando. Eu não sei como é que você relaciona, se é que você relaciona, esse momento da luz com todo o resto.

**Ana Mumbuca:** Relaciono, é impossível não relacionar. Porque é a continuidade da primeira intervenção do mundo externo. O mundo de fora e o mundo de dentro, eles estão em confluência, mas também estão em disputa. Então, existe Mumbuca antes do ano 2000 e existe Mumbuca depois do ano 2000. Existe Mumbuca depois do parque. Existe essa disputa, essa dança dos mundos.

**Caio Santos:** A porteira entre os mundos continua aberta. E o que Mumbuca tem feito hoje é o que sempre fez, desde que o quilombo surgiu: se proteger. Pra não deixar que a luz que vem de fora apague tudo o que eles construíram e continuam construindo ali. Mas Núbia me contou uma história esses dias que vem martelando na minha cabeça. Um dia ela tava sentada na cozinha com a tia e a irmã dela, duas

queridas. E elas começaram a falar dos desafios que Mumbuca tem enfrentado nos últimos 20 anos.

**Núbia Matos:** A gente fica muito ansioso de futuro. "Ah, meu Deus, vai acontecer. As pessoas não vão entender a gente. Vai querer tirar a gente daqui ou vai querer fazer isso, isso e aquilo", assim.

**Caio Santos:** E aí a tia falou pra elas: "Minhas filhas, sentem aqui, deixa eu perguntar uma coisa".

**Núbia Matos:** "Você está caminhando e no caminho você encontra uma pedra. E você tem o enxadeco na mão, você carrega um enxadeco. E, nesse caminho, com o enxadeco, você encontra uma pedra, o que você faz com a pedra?" Aí a minha irmã respondeu "Ah, eu tô com enxadeco na mão, eu arranco a pedra do caminho e afasto ela pro lado e continuo caminhando".

**Caio Santos:** A tia sorriu. E continuou.

**Núbia Matos:** "Mas você caminhando, você chega mais na frente, você encontra outra pedra – e outra pedra maior. O que você faz com a pedra?" Aí minha irmã falou assim: "Tô com o enxadeco, na mão. Tem outra pedra. O enxadeco serve pra cavacar. Vou tirar a pedra de novo".

**Caio Santos:** A tia alertou que ela ia passar muito tempo cavando. Porque essa pedra era muito grande.

**Núbia Matos:** "Pra cavar a pedra você cava sentado? Não cava. Para cavar a pedra, você cava só com o braço? Não cava. Você cava com toda sua força. Você vai gastar toda a sua força tirando a pedra, sendo que tem outras possibilidades de tirar a pedra. Não é que você tem ferramenta na mão, que você deve usar porque você tem ela na mão. Você tem que saber por que essa pedra está ali, dar a volta na pedra, encostar a cabeça na pedra, descansar em cima da pedra. Analisar, ver a pedra, ver se tem outro... se tem escapinha no canto pra passar, dar a volta na pedra, você passar. Você sabe por quê? Porque, muitas das vezes, a gente gasta força demais só numa coisa. A gente só fica pensando, lutando, lutando, lutando com o

amanhã, com amanhã, gastando força. 'Ah, eu vou lutar, eu não vou deixar ninguém destruir, eu vou lutar, voltar', porque nos trazem muito essa noção. O povo quilombola é o povo de resistência, o povo de luta e o povo de luta e povo de luta. Não, nós não somos só de luta não. Então, minha filha, você vai é perder seu tempo, a perder sua vida só lutando. Você tem que viver, também. Você não deve colocar na mente só luta, luta, luta, luta, luta, não. Só arrancar pedras, só arrancar pedra no meio caminho, não. Você tem que viver, também."

**Caio Santos:** Eu fiquei pensando, de novo, nesse olhar da gente, de quem tá de fora. De como a gente, às vezes, escuta histórias, como essa que eu te contei aqui, da luz em Mumbuca, e sai dela pensando exatamente isso que Núbia falou. "Quanta força, que povo de luta! Povo de resistência." Não dá pra negar que eles são, mesmo, tudo isso. Não só Mumbuca, mas todas as comunidades tradicionais que tão tentando sobreviver no Brasil. Mas a gente nem sempre leva em conta o custo dessa resistência. O custo de, toda hora, ter que lidar com um descompasso, uma nova pedra no caminho. Com um novo projeto do dito "progresso" que chega sem nem ser avisado.

---

**Branca Vianna:** Essa história foi produzida pelo Caio Santos e pela Núbia Matos, colaboradores da Rádio Novelo. O nosso segundo ato começa quase meio século antes da chegada da luz em Mumbuca, em outro canto do país. E ele começa num momento em que o Brasil tinha um futuro brilhante pela frente. Tão brilhante que às vezes ele ofuscava o que tava ali no presente. Quem conta é a Bárbara Rubira.

---

## JUSCELINOMYS CANDANGO

**Bárbara Rubira:** 1960 foi um ano agitado no planalto central brasileiro. No dia 21 de abril, feriado de Tiradentes, uma quinta-feira, foi inaugurada a nova capital federal: Brasília.

A história — ou pelo menos parte dela — a gente já conhece: quatro anos correndo contra o relógio pra erguer do zero uma metrópole no Cerrado. Era, finalmente, a consolidação da ideia de transferir a capital do país pro interior do território. Um papo que já corria desde o começo do século 19, mas que foi oficializado na

primeira constituição republicana, em 1891. E aí tirado do papel no governo Juscelino Kubitschek, o cara do Plano de Metas e dos "50 anos em 5".

No dia da inauguração de Brasília, a festança foi grande. Teve desfile cívico, estouro de champanhe, show de acrobacia, exposição de automóvel... Um verdadeiro ode ao desenvolvimentismo. Bom, mas nesse dia 21 de abril de 1960, a gente já sabe o que aconteceu. Não tô te contando nenhuma novidade aqui.

Hoje, eu queria te levar pro que hoje é Brasília, num outro dia de 1960. Eu não consigo confirmar a data certa. Talvez um pouco antes da festança de inauguração, ou talvez um pouco depois... Mais um dia nos esforços pra construção da capital. Um dia qualquer, como qualquer outro naqueles quatro anos. Não teve cinejornal, os registros são poucos, então eu vou te pedir pra embarcar comigo num exercício de imaginação aqui: um grupo de trabalhadores da construção de Brasília — os chamados candangos — tavam fazendo a terraplanagem de um lote na futura capital. Eles estavam construindo o que viria a ser a sede da Fundação Zoobotânica de Brasília, que hoje nem existe mais.

Mas, mexendo na terra que tava ali, os operários se depararam com uma coisa curiosa. Eram rastros e ninhos de um bicho. Um rato. Um rato, medindo de 12 a 15 centímetros, pesando mais ou menos uns 90 gramas. Ele tinha pêlos castanho-alaranjados no dorso, com a base acinzentada, mas que eram bem mais pro laranja na parte da barriga. Na linha dorsal – nas laterais do bichinho –, os pelos escureciam, puxando mais pro preto. Ele tinha um focinho comprido, e orelhas curtas, bem peludas. A cauda era grossa, mas ainda assim meio frágil, e também coberta de pelos. Os ninhos ficavam uns 80 centímetros abaixo da superfície do solo, e eram forrados com pedaços de folhas e de raízes. E os candangos, talvez por estarem trabalhando justamente no terreno da futura Fundação Zoobotânica, quando eles avistaram os bichos, eles acharam por bem chamar um especialista. Eles provavelmente nem imaginavam, mas eles tavam descobrindo ali, naquele terreno, uma espécie nova. Aliás: não só uma espécie nova. Um gênero novo de roedor, da família Cricetidae, que nunca tinha sido descrito antes.

Os ratos — oito deles, no total — foram coletados pelo pesquisador João Moojen, um especialista em roedores. Ele publicou a descrição da nova espécie uns anos depois, em 65.

**Juliana Fausto:** E ele foi batizado, né. Ele foi descrito pelo biólogo João Moojen, ele foi batizado de *Juscelinomys candango*, que é um nome também, um nome incrível, porque significa o "rato candango de Juscelino", homenageando tanto o presidente quanto esses trabalhadores, os candangos.

**Bárbara Rubira:** *Juscelinomys candango*. Mys, M-Y-S, uma transliteração do grego μῦς, rato. Não sei o quanto você lembra das aulas de taxonomia na escola, mas todo nome científico é composto por duas partes. A primeira identifica o gênero: nesse caso, *Juscelinomys* — o rato de Juscelino. E pra segunda parte, o nome específico: candango. *Juscelinomys candango*. O rato-candango de Juscelino. Uma descoberta científica. Um novo animal, uma nova espécie (mais do que isso, um novo gênero, na verdade), avistado em meio às obras da nova capital. Podia ter virado mascote, né? O rato candango do presidente, símbolo de Brasília.

**Juliana Fausto:** E, bom, esse rato nunca mais foi visto.

**Bárbara Rubira:** Podia ter virado mascote, mas não virou. Porque esse episódio que eu narrei, em 1960, foi a única vez que o rato-candango foi visto. Aqueles oito espécimes foram coletados e descritos pelo João Moojen... e foram os únicos.

Hoje, o *Juscelinomys candango* tá no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Tá lá: "O hábito semifossorial pode dificultar sua coleta pelos métodos tradicionalmente usados, mas a espécie parece ser rara. Muitos estudos têm tentado coletar indivíduos dessa espécie na natureza, mas nenhum indivíduo foi registrado desde 1960". "A destruição do Cerrado é a principal ameaça". Categoria: "Criticamente em perigo, possivelmente extinta".

A nível internacional, a classificação é ainda menos otimista. Na Lista Vermelha da IUCN (a União Internacional pra Conservação da Natureza), a espécie consta como extinta mesmo, desde 2008. "Toda a região ao redor da localidade-tipo (atual Brasília) foi convertida de habitats nativos em um centro urbano com extensa



expansão suburbana contínua. A espécie provavelmente foi extinta logo após ser descoberta". Quer dizer: o rato-candango foi visto, descrito, registrado... e extinto. Descoberto pela construção da capital. E extinto pela construção da capital, e pelo avanço do desenvolvimentismo sobre o seu habitat.

**Juliana Fausto:** E quando eu li isso, pensei: "Gente, mas então todos os outros ratos candangos morreram embaixo, tão embaixo de Brasília, morreram sob a cidade", né? Todos ficaram ali. Porque pra onde eles foram? Se eles sumiram, ou seja, toda uma espécie que desapareceu. A cidade foi construída sobre os ninhos desses animais, os ninhos subterrâneos desses animais. Então estão todos ali embaixo.

**Bárbara Rubira:** Eu ouvi falar nessa história por meio de um ouvinte do Rádio Novelo Apresenta, o Marcos Ramos. Ele mandou pra gente um artigo, assinado pela Juliana Fausto.

**Juliana Fausto:** Meu nome é Juliana Fausto, eu sou doutora em filosofia... Bom, deixa eu fazer de novo, que é como eu costumo me apresentar: meu nome é Juliana Fausto. Eu sou eucarionte, filósofa, mamífera.

**Bárbara Rubira:** A Juliana, aliás, é a dona da voz que você já ouviu algumas vezes até aqui.

**Juliana Fausto:** Eu escrevi um livro que se chama Cosmopolítica dos Animais, que saiu pela Editora n-1, em 2020, e me dedico a estudos, animais, estudos feministas e artes com foco na catástrofe ambiental conhecida como Antropoceno. O Antropoceno é a nova época geológica na qual a humanidade enquanto espécie, na qual o Homo sapiens deixa de ser uma mera espécie e se torna um agente geológico, se torna uma força capaz de alterar o sistema biogeofísico da terra.

**Bárbara Rubira:** Um parênteses aqui: em março de 2024, um comitê de cientistas da União Internacional de Ciências Geológicas fez uma votação, e decidiu por maioria não estabelecer o Antropoceno oficialmente como uma época geológica. Muito tem sido discutido nos últimos tempos sobre essa decisão, mas eu não vou aprofundar muito nesse papo por aqui.

**Juliana Fausto:** Mas pra além de ser uma nova época geológica, também já se transformou num conceito, porque foi apropriado por outras áreas do conhecimento. Porque a geologia fica discutindo, os geólogos ficam discutindo a comissão de estratigrafia, fica discutindo se vai ser mesmo uma época geológica e qual vai ser a marca, né, o que que vai marcar a entrada nessa época, e qual é o ano... Mas eu acho que, bom, essas discussões têm seu valor, e elas tão sendo feitas dentro da geologia. Mas eu acho que, assim, isso não vai decidir mais nada, no sentido de que já começou, de que a gente já vive na catástrofe. E, bom, pelo menos um dos nomes da catástrofe é Antropoceno.

**Bárbara Rubira:** Eu tinha pedido pra Juliana me explicar o que ela entende como "Antropoceno" porque esse conceito aparece logo no título daquele texto dela que eu li, e onde eu descobri a história do rato-candango. O artigo chama "Os desaparecidos do Antropoceno".

**Juliana Fausto:** Então, em 2014, aconteceu no Rio de Janeiro um colóquio internacional chamado "Os 1000 Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra".

**Bárbara Rubira:** Foi pra esse evento que a Juliana escreveu o artigo. A ideia dela era falar de Antropoceno e de extinção, que é um dos assuntos que mais interessam a ela como pesquisadora.

**Juliana Fausto:** É um tema que também é um pouco recorrente às vezes, nas coisas que eu faço, que essa ideia de que a gente vive num lugar assombrado. Ou que o Antropoceno é uma espécie de assombração, porque a gente vive em cima de um grande cemitério. Como era um colóquio internacional, justamente, eu queria falar sobre o Brasil. Comecei a fazer uma pesquisa sobre as espécies extintas no Brasil e tudo mais... Fui encontrando histórias de diversas espécies, mas encontrei essa de modo muito esparso, mas que me chamou muita atenção, essa história desse *Juscelinomys candango*, que era um rato e que foi descoberto em 1960, e descrito em 1965, em Brasília, durante a construção de Brasília. E que foi descoberto pelos candangos, né? A história do rato é sensacional.

**Bárbara Rubira:** A Juliana não foi a única pessoa que se encantou com a história do rato-candango. Ela chegou a encontrar alguns ensaios, alguns textos curtos, se debruçando sobre a história do bicho — e as metáforas que ela proporciona.

**Juliana Fausto:** Mas sempre que alguém tentava fazer alguma coisa mais ensaística, fazia a relação óbvia: rato com rato político, sabe? "Hoje são os ratos políticos, que é outro tipo de rato que mora em Brasília". Eu pensava: "Poxa, que maldade com os ratos candangos", entendeu? Nunca fizeram mal a ninguém, ainda foram todos mortos. Não são corruptos, não são... Não propõem políticas de extermínio, enfim. E sempre que alguém tentava fazer alguma coisa mais ensaística, ia por aí. Eu achei isso muito triste. Falei: "Poxa, eles merecem mais". Na verdade, eles foram assassinados pra... espécie foi extinta pra construção de Brasília. Eles nunca não ganharam nada com a construção de Brasília, só perderam.

**Bárbara Rubira:** É, acho que os ratos inocentes realmente não mereciam essa má reputação. Pra Juliana, a metáfora era outra. O nome do bicho, *Juscelinomys candango*, oferecia o paralelo perfeito.

**Juliana Fausto:** É impossível você estudar a construção, qualquer coisa a respeito da construção de Brasília e qualquer coisa a respeito dos candangos, sem se deparar com toda a história de miséria, de tortura, das condições aviltantes que esses trabalhadores viveram, né?

**Ramon Gusmão:** Os candangos eram os trabalhadores, os operários que vieram para construir a cidade, as pessoas comuns que vieram construir a cidade.

**Bárbara Rubira:** Esse é o Ramon Gusmão.

**Ramon Gusmão:** Meu nome é Ramon Gusmão. Eu sou historiador e pesquiso a história da construção de Brasília desde 2010. Eu faço uma pesquisa documental em arquivos no Arquivo Público do Distrito Federal, no Memorial do Tribunal de Justiça do Distrito Federal também.

**Bárbara Rubira:** O Ramon nasceu em Salvador, mas foi morar em Brasília muito jovem. Ele vive lá até hoje, e decidiu transformar a história da cidade num objeto de pesquisa.

**Ramon Gusmão:** E talvez essa minha condição de migrante também tenha, de certa maneira, me despertado pra essa coisa da construção de Brasília. Nesse momento eu tô analisando, no mestrado em Educação, tô analisando como é que a construção de Brasília, ela é ensinada nos livros didáticos de História.

**Bárbara Rubira:** Eu não sei você, mas o que eu lembro dos livros da minha época de escola é um tanto simplista. Quem construiu Brasília foi... Juscelino Kubitschek. Lembro do Plano de Metas, do nacional-desenvolvimentismo... do Oscar Niemeyer e do Lúcio Costa, os arquitetos e urbanistas responsáveis pelo projeto...

**Ramon Gusmão:** Porque o que a gente conhece é essa história oficial. É a história do JK como um grande herói, um grande líder político que tomou a decisão de construir Brasília. Agora, a parte que falta da história de Brasília, que eu pesquiso desde 2010, é o que eu chamo de "história vista de baixo", que é a história das pessoas que construíram essa cidade de verdade, que são os mais de 60 mil migrantes que vieram de todas as partes do Brasil, especialmente de estados do Nordeste, mas também de Minas Gerais e do estado de Goiás, pra construir essa cidade.

**Bárbara Rubira:** Talvez as coisas tenham mudado desde o tempo em que eu tava na escola, mas, dos candangos, eu aprendi muito pouco, quase nada. Então eu pedi pro Ramon dar um panorama geral de quem eram e como viviam esses trabalhadores.

**Ramon Gusmão:** Essas pessoas vieram pela propaganda do Estado. Ou seja: "Olha, há trabalho, venham conseguir trabalho, vamos construir um país novo, vamos construir a nova capital do Brasil". Então, você imagina, 60 mil operários vivendo em acampamentos, seja da Novacap, da construtora, da empresa estatal que tocou a obra da construção de Brasília e das construtoras privadas também contratadas para fazer parte das obras. Então eles viviam em acampamentos, acampamentos muito precários, né, sobre

questão de saúde, higiene, condições de alimentação... então, a situação desses operários era uma situação muito ruim, né? Existia CLT desde o governo Vargas, existiam regras trabalhistas, mas as regras trabalhistas foram absolutamente ignoradas, porque tinha uma coisa que se chamava "ritmo Brasília". Era preciso entregar a capital pronta em 21 de abril de 1960. Eles ganhavam? Ganhavam. Só que o ritmo era alucinante.

**Bárbara Rubira:** "50 anos em 5", lembra?

**Ramon Gusmão:** E aí, o que favorecia exatamente o quê? Os acidentes de trabalho. A gente não tem na documentação a quantidade de pessoas feridas, mortas. Não há, pelo menos até o momento, eu desconheço qualquer pesquisa que mostra a quantidade, uma dimensão. Ah, foram 1000, foram 500? Foram quantos, centenas ou milhares de trabalhadores mortos? Mas que houve mortes e que houve muitos feridos e que houve mortes, isso aí é muito claro.

***Trecho do documentário Conterrâneos Velhos de Guerra***

***Candango: Quantos morreram, aqui ficaram, deixaram seu sangue, sua vida, nos acidentes dos prédios? Nas obras, nas construções, nos alicerces dos palácios?***

**Bárbara Rubira:** Esse é um trecho do documentário "Conterrâneos Velhos de Guerra", do cineasta Vladimir Carvalho. O filme foi lançado em 92, mas produzido ao longo de muitos anos. E ele traz um pouco da experiência dos operários durante e depois da construção da capital, com depoimentos de vários candangos.

**Ramon Gusmão:** Os candangos era tudo o que o país negava até então, né? Tudo o que o país não queria até então, que eram essas pessoas, que o censo do IBGE mostra, eram analfabetos, trabalhadores homens, trabalhadores jovens, analfabetos, a maioria nordestinos... e já mostra essa contradição. A cidade foi feita por eles, mas não para eles. E a gente vai ver isso ao longo do processo de construção e após a cidade finalizada. E ainda hoje, né? Porque a história continua, se prolonga ainda hoje, então a gente vai ver isso claramente.

***Trecho do documentário Conterrâneos Velhos de Guerra***

***Candango:*** O drama se reflete bem nessa expressão daquela música que fala do pedreiro Waldemar, que constrói o edifício depois não pode entrar.

***Trecho da música Pedreiro Waldemar***

*Você conhece o pedreiro Waldemar?*

*Não conhece, mas eu vou lhe apresentar*

*De madrugada toma o trem da Circular*

*Faz tanta casa e não tem casa pra morar*

***Trecho do documentário Conterrâneos Velhos de Guerra***

***Candango:*** A maioria dos pedreiros que aqui trabalharam não tiveram oportunidade de entrar nos palácios, nos grandes edifícios que eles haviam ajudado e a maioria teve que findar indo embora de Brasília, porque ela já não precisava deles, porque eles já haviam dado tudo que podiam.

**Ramon Gusmão:** Outro aspecto fundamental que eu também pesquiso no meu trabalho, que é a segregação espacial, que é fundamental desde o princípio. Porque no projeto do Oscar Niemeyer e do Lucio Costa está muito claro, tá escrito lá, inclusive está escrito lá, tem documento do Lúcio Costa, inclusive, escrito sobre isso. A ideia era que... Era tão utópico o projeto, a ideia era que filhos de operários, de trabalhadores morassem nos mesmos blocos do Plano Piloto, convivessem com os filhos de políticos, de funcionários públicos, de engenheiros, profissionais liberais, jornalistas. Esse era o projeto utópico da construção. O que de fato nunca aconteceu, porque desde o início da construção, desde a época da construção, houve uma segregação. Esses trabalhadores nunca puderam habitar, nunca puderam morar, nunca puderam usufruir daquilo que eles construíram.

**Bárbara Rubira:** O próprio Oscar Niemeyer, em entrevista gravada pro "Conterrâneos Velhos de Guerra", admite esse falha:

***Trecho do documentário Conterrâneos Velhos de Guerra***

**Oscar Niemeyer:** *Esses nossos irmãos que vieram para Brasília para nos ajudar, que construíram os palácios, apartamentos, as escolas, tudo isso de nada disso usufruir. E saíram de Brasília mais pobres ainda. E foram morar longe da cidade que construíram, vindo de longe, como um sonho assim frustrado.*

**Trecho da música Pedreiro Waldemar**

*Leva marmita embrulhada no jornal  
Se tem almoço, nem sempre tem jantar  
O Waldemar que é mestre no ofício  
Constrói um edifício e depois não pode entrar*

**Ramon Gusmão:** Brasília é uma contradição desde o princípio da construção. Se a gente pensar. Porque o projeto utópico modernista de transformar esse país num país, entre os entre os maiores países capitalistas, essa era a pretensão de JK, que o Brasil fosse um país moderno, industrializado e figurasse entre as principais nações capitalistas naquela segunda metade do século XX. É a história de Brasília, da construção de Brasília, a forma como foi feita, as coisas que aconteceram aqui, mostra justamente o contrário, essa contradição. Houve repressão, houve desrespeito às leis trabalhistas, houve prisão, repressão por consumo de álcool, por vadiagem... Eles, os candangos, construíram a cidade, mas ela não foi feita para eles.

**Juliana Fausto:** Brasília não, não comporta, não aceita nenhuma espécie de candango, nem o candango não humano, nem o candango humano.

**Bárbara Rubira:** Essa é, de novo, a filósofa Juliana Fausto. Falando do nosso amigo lá do começo, o rato-candango. E essa frase foi uma das coisas que mais me marcou, quando eu li o artigo dela pela primeira vez: "Brasília e o desenvolvimentismo não comportam nenhuma espécie de candango".

**Juliana Fausto:** Brasília é esse monumento ao desenvolvimento e ao desenvolvimentismo, né? E você tem todas essas vítimas sacrificiais que estão justamente embaixo.

**Bárbara Rubira:** Brasília, aqui, pra Juliana, é só um exemplo. A história do rato-candango — e dos candangos — também. Uma metáfora quase perfeita. Uma representação de tudo aquilo — e todos aqueles — que foram sacrificados, e que ainda estão sendo. E a civilização que a gente ergueu em cima deles.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Bárbara Rubira, produtora da Rádio Novelo.

Obrigada por seguir com a gente em mais esse episódio. Pra quem ficou com vontade de viajar sonoramente pelo Jalapão, no post desse episódio no nosso site, a gente deixou o link do Viver Mumbucar, que é o podcast que a Núbia e o Caio produziram sobre a comunidade. E no site, também tem as coordenadas pra você se inscrever pra receber nossa newsletter. Toda quinta, a gente apresenta o episódio da semana e oferece uma dica do que tá fazendo nossa cabeça: as contas de Instagram que nos trazem conforto, os livros que tão morando nas nossas cabeceiras, e os filmes sobre os quais a gente não para de falar.

Vem seguir a gente nas redes também, no @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram. E o nosso e-mail apresenta@radionovelo.com.br tá sempre aberto pra críticas, elogios, sugestões, e, principalmente, ideias de novas histórias pra gente contar aqui.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.



As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos e a Ashiley Calvo.

A checagem deste episódio foi feita pela Caroline Farah e pela Luiza Silvestrini.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

Tivemos apoio de montagem da Mariana Leão.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.